

MISTERIOSAMENTE FELIZ

JOAN MARGARIT

MISTERIOSAMENTE FELIZ

U M A A N T O L O G I A

Organização de
MIGUEL FILIPE MOCHILA

LÍNGUA MORTA

PRÓLOGO

Em 2009 deu-se o meu primeiro contacto com os leitores de poesia portugueses através de *Casa da Misericórdia*, em tradução de Rita Custódio e Àlex Tarradellas e publicado pela editora OVNI. Surge agora esta antologia, pela mão de Miguel Filipe Mochila e da Língua Morta, e não quero deixar passar esta oportunidade sem umas palavras que são, em primeiro lugar, de agradecimento a todos eles e também de boas-vindas aos leitores e leitoras portugueses que amavelmente se aproximem destes meus poemas.

Não quero que estas linhas pareçam ser unicamente uma fórmula de cortesia — que também são — mas que sejam igualmente as palavras de boas-vindas de quem acredita que a leitura de um poema depende de uma estrutura formada por três suportes: o poeta, o poema e o leitor. O tripé é a estrutura estável mais elementar e firme e, no entanto, no caso de haver um só suporte em falta, desmorona-se, não existe. Por outras palavras, a operação de escrever um poema não diverge muito da operação de lê-lo, no mesmo sentido em que não há demasiada diferença entre compor uma peça de música e interpretá-la: o leitor e a leitora de poesia são os intérpretes de, a título de exemplo, Sophia de Mello Breyner, dum modo em tudo idêntico ao que Glenn Gould representa para Bach. Como a boa música, o bom poema deve ser suficientemente aberto para permitir que seja a pessoa que o leia quem o interprete e, em certo sentido, o *culmine*.

Isto explica também por que razão é tão reduzido o número de pessoas que habitualmente lêem poesia: para *interpretar* é necessário, reiterando o símile musical, ter familiaridade com o instrumento que, no caso da poesia, é a própria pessoa leitora, o seu passado, as suas esperanças, os seus desgostos, as suas frustrações. Ninguém como ele ou ela pode conhecer este instrumento, mas usá-lo para interpretar exige um esforço muito maior que o que costuma empregar o mero espectador. Trata-se de uma relação que não é costume dar-se com esta intensidade na literatura. Porque a poesia não é um género literário, mas algo com características próprias e diferenciadas, como a música ou como a ciência.

O poema surge do interior do poeta, da sua própria vida, e ainda assim deve falar daqueles subtilíssimos sentimentos que não lhe pertencem a ele *apenas*, pois nesse caso seria um mau poema, na exacta medida em que não poderia interessar a ninguém mais do que a si mesmo. Os poemas devem construir-se a partir de algo que, constituindo parte da vida do poeta, pertença igualmente à dos demais. Este foi o meu propósito: que aquele ou aquela que leia o que escrevo possa de algum modo reconhecer-se nisso que lê. Que sinta a força que nos faz reconhecer que *este — ou esta — sou eu*, esse reconhecimento que travamos quando lemos um bom poema.

Não é sem mistério que isto se faz sempre acompanhar de uma exactidão e de uma precisão que radicalmente separam poesia e prosa. Desta exactidão procede o poder de consolação da poesia, pois esta serve para introduzir na nossa solidão alguma mudança que proporcione uma ordem interior mais ampla contra a desordem causada pela vida. A angústia provocada por esta desordem, às vezes tentamos enfrentá-la com meros paliativos,

com entretenimentos. Porém, de um entretenimento saímos os mesmos que entrámos, passageiros de um tempo que, na melhor das hipóteses, terá sido indolor. Por outro lado, ao concluir a leitura de um bom poema, já não somos os mesmos. A nossa ordem interior fez-se mais ampla.

Termino, porém, estas palavras, as quais devem ser breves para não turvar o seu propósito fundamental, o de oferecer aos seus leitores estes poemas. Estes são, de algum modo, a minha vida, ou o que dela me foi possível partilhar, o que nela há das vidas de todos os leitores e de todas as leitoras. Este é o sentido que espero ter sabido desenvolver na minha poesia, cujo caminho de quarenta anos se retoma ao longo destas páginas, desde os primeiros poemas, escritos em princípios de 1970, até aos do meu último livro, publicado em 2015.

Joan Margarit

Sant Just Desvern, Março de 2015

MISTERIOSAMENTE FELIZ

DE *CRÒNICA* (1975)
SARDENYA 548

D'un color morat gris sota la pluja,
la ciutat, més enllà de la Terrassa,
està exhumant un somni.
Hi ha un ram de flors posat damunt la taula,
el peix és en silenci a la peixera
i l'ocell canta molt a prop dels vidres.
Aquesta lleu remor de la ciutat
sembla de les onades, ja distants,
d'uns anys amb tu, que avui torno a escoltar
mentre, pacífica, la pluja cau,
i borroses façanes s'aquarel·len
en aquests vidres amarats per l'aigua.

Ciutat, àmbit d'or gris de la memòria,
pel mirall de les tevé pedres passen,
amb els frens sorollosos de cadena,
els tramvies en vaga del cinquanta-sis.
En una gran marrada torno enrere
fins a creuar el portal de fusta
del Paranimf, els seus velluts vermells
on va flamejar un dia una pancarta,
un lleçol blanc pintat amb lletres negres
que ara fa tremolar el vent del record.
Puc veure els claustres universitaris,

SARDENYA 548

De uma cor púrpura e cinzenta sob a chuva,
a cidade, para lá deste terraço,
revela agora um sonho.
Há um ramo de flores poisado sobre a mesa,
o peixe está em silêncio no aquário
e, junto à janela, o pássaro canta.
Este leve rumor de cidade
é como a ondulação, já distante,
dos anos contigo, que agora volto a escutar
enquanto mansa cai a chuva
e imprecisas fachadas se aguarelam
nestes vidros banhados pela água.

Cidade, âmbito cinzento da memória,
pelo espelho das tuas pedras passam,
com os ruidosos travões de corrente,
os eléctricos em greve do cinquenta e seis.
Numa brusca finta volto atrás,
até atravessar as portas de madeira
do Paranimf, os seus veludos vermelhos
onde flamejou um dia um cartaz,
um lençol branco pintado com letras negras
que o vento da memória agora agita.
Posso ver os claustros universitários,

els estanys i jardins que esdevindran
triturats i trencats confusament
en la formigonera d'aquests anys.
Després arribaria el Sindicat
Democràtic, seria una matí blau,
policia a cavall per Sarrià,
i els nostres ulls ebtrellaçats a l'aire.

Els petits restaurants amb tu, Raquel,
les tovalles de quadres a les taules,
la remor d'una nit de la ciutat,
i, més lluny, el pis vell i net dels avis
amb la petita Mònica, el seu son
assossegat d'infant. Quina tendresa,
encara, quand recordó els teus vestits,
tons beix i gris, dolços moreus, els blaus
ultramar i les bruses color rosa.
Aquelles làmpares color d'ametlla,
la trompa verda i ampla del gramòfon,
els llibres que arribaven fins al sostre,
l'estora violeta que escampava
sota els mobles de fusta aquella pau.

Però el fred va arribar una matinada,
quan la petita Anna se'n va anar
sense temps per romandre als nostres braços.
La nit, a poc a poc, ve fer girar
un pobre firmament sobre els carrers,

canteiros e jardins que acabarão
confusamente triturados e desfeitos
na betoneira destes anos.
Depois chegaria o Sindicato
Democrático, seria uma manhã azul,
polícia a cavalo em Sarrià,
os nossos olhos enredados no ar.

Raquel, os nossos pequenos restaurantes,
as toalhas aos quadrados sobre as mesas,
o rumor de uma noite de cidade,
e, distante, o velho e limpo apartamento
dos avós, a pequena Mònica, o seu sono
infantil e sossegado. Quanta ternura
ainda, quando recordo os teus vestidos,
tons beges e cinzas, doces castanhos, azuis
marinhos e as blusas cor-de-rosa.
Aqueles candeeiros cor de amêndoa,
a trompa verde e ampla do gramofone,
os livros que chegavam até ao tecto
e o tapete violeta que estendia
sob os móveis de madeira aquela paz.

Mas o frio chegou certa madrugada
quando a pequena Anna nos deixou
sem tempo para permanecer em nossos braços.
A noite, pouco a pouco, fez girar
um pobre firmamento sobre as ruas,

fins a una alba rosada que llepava
les portes i finestres ajustades
i, mentrestant, floria al nostre entorn
el silenci de pedra que abandonen,
en morir-se, els infants dins de les cases.

Potser sols quedo jo per poder veure
les imatges al fons d'algun mirall
en el Cafè de l'Òpera, potser
ja és massa tard per tots els de llavors.
Aquella joventut en altres ombres,
altres habitacions d'un altre temps,
ara és com les estrelles oblidades
dins de l'halo de llum de la ciutat.
El Vostok deambulava cel enllà,
se sentia l'olor dels molls a l'aire:
amb els rostres històrics però opacs,
la gent anava pel carrer ignorant
que era la nit que aquella arcaica nau
va fer fotografies de la Terra,
solitària i blava en un cel negre.

Somio amb hospitals tantes vegades:
una visita lenta i solitària
amb personatges muts que em miren
dès de l'antiguitat del seu costum.
Raquel, si tu has llegit els meus silencis,
saps que hi ha una altre nena que ara em crida

até que uma rosada aurora insuflou
as portas e as janelas encostadas
e, entretanto, florescia à nossa volta
o silêncio de pedra que abandonam
nas casas, quando morrem, as crianças.

Talvez só eu reste para ver
as imagens no fundo de algum espelho
no Café de l'Òpera, talvez
seja demasiado tarde para todos os de então.
Aquele juventude noutras sombras,
noutros quartos, noutro tempo,
é agora como as estrelas esquecidas
dentro do halo de luz da cidade.
A Vostok deambulava pelo céu,
sentia-se o cheiro a cais no ar:
com os rostos históricos mas opacos,
as pessoas nas ruas ignoravam
que era a noite em que aquela arcaica nave
tirava fotografias à Terra,
solitária e azul em negro céu.

Sonho com hospitais tantas vezes,
com uma visita lenta e solitária,
com personagens mudas que me olham
desde a antiguidade do seu hábito.
Raquel, se leste acaso os meus silêncios,
sabes que há outra menina que hoje me grita

des del més fondo de la meva culpa,
no puc salvar-la, i en la nit
veig seu rostre humitejat de llàgrimes.
Podré parlar d'aixó, un dia, en un poema?
Veient com cau la pluja en aquest àtic,
les nostres cares semblen
finestres ajustades que tamicen
la llum tranquil·la de la mitja tarda.

desde o mais fundo da minha culpa,
não posso salvá-la, e na noite
vejo o seu rosto humedecido pelas lágrimas.
Poderei falar disto, um dia, num poema?
Vendo como cai a chuva neste sótão,
as nossas caras parecem
janelas encostadas que depuram
a luz tranquila a meio da tarde.

DE L'ORDRE DEL TEMPS (1975-1986)

MARE RÚSSIA

Era l'hivern de l'any seixanta-dos:
el llum encès en el capçal del llit
no s'apagava fins a ser esvanit,
a l'alba, per murmuris de clarors.
Tolstoi va ser incansablement llegit:
mentre en algun badiu bordava un gos,
jo imaginava, al bosc, un fabulós
passeig en els trineus sota la nit.
Va nevar a Barcelona, aquell hivern.
Calladament ens van embolcallar
els flocs de neu com una gran vitrina,
i, en arribar el bon temps, amb el desgel,
tu ja tenies per a mi, Raquel,
el rostre clar d'una Anna Karenina.

MÃE RÚSSIA

Era o Inverno de sessenta e dois:
o candeeiro aceso na cabeceira da cama
não se apagava até ser desvanecido,
na alvorada, pelo rumor da claridade.
Foi quando incansavelmente li Tolstoi:
enquanto um cão ladrava nalgum pátio,
eu imaginava, no bosque, um fabuloso
passeio em trenós por sob a noite.
Nevava em Barcelona naquele Inverno.
Caladamente nos foram envolvendo
os flocos de neve como uma grande vitrina,
e ao chegar o bom tempo, com o degelo,
tu já tinhas para mim, Raquel,
o rosto claro de uma Anna Karénina.

TANTES CIUTATS ON HAVÍEM D'ANAR

El nostre somni és fet de ciutats cultes
amb música i cafès hospitalaris,
la majestat d'un port i estacions
de ferro i vidre amb trens brunyits pels vespres
i per la pluja, la mateixa pluja
que ens acompanya en un petit hotel
o des de les finestres d'un museu.
Hi ha recers a l'empara de grans arbres,
gent callada, educada i ben vestida,
i les silencioses llibreries
on els ulls vaguen mentre cau la tarda.

Tantes ciutats on havíem d'anar, oh estimada.
La lluna surt damunt dels ponts de ferro
dels anys quan canvià la nostra llei.
Des de llavors el temps és una pluja
que ens ha amarat igual que una teulada.
Però en la llum del pati hem vist els temples
de marbre blanc i travertí daurat.
Hem trobat, als carrers de petits pobles,
fastuosos estucs de color terra
esgrafiats pel vent. Aquesta casa
del balcó i de l'eixida té una llum
de conversa i refugi. De nosaltres,
el qui quedi tindrà el xiprer i les hores

TANTAS CIDADES A QUE DEVÍAMOS TER IDO

O nosso sonho é feito de cidades cultas,
com música e cafés familiares,
a majestade de um porto e estações
de ferro e de vidro com comboios brunidos pela noite
e pela chuva, a mesma chuva
que nos acompanha num pequeno hotel
ou nas janelas de um museu.
Há recantos ao abrigo de grandes árvores,
gente calada, educada e bem vestida
e as silenciosas livrarias
onde os olhos vagueiam enquanto cai a tarde.

Tantas cidades a que devíamos ter ido, meu amor.
A lua emerge para lá daquelas pontes de ferro
dos anos que mudaram a nossa lei.
Desde então o tempo é uma chuva
que nos inunda como inunda os telhados.
Mas na luz do pátio vemos os templos
de mármore branco e dourado travertino.
Encontramos, nas ruas de pequenas aldeias,
faustosos estuques cor de terra
esgrafiados pelo vento. Esta casa
da varanda e do pátio tem uma luz
de conversas e conforto. De nós,
aquele que ficar terá por companhia

per fer-li de record i companyia
fins que ens trobem a les ciutats del somni.

a memória do cipreste e das heras
até nos reencontrarmos nas cidades do sonho.

RÈQUIEM PER A ANNA

Llums dels instants s'apaguen en la cendra
i ara nosaltres, hostes, desferíem
l'equipatge per no partir mai més.
Al damunt de la pell perfan les hores,
pausadament, un gruix d'eternitat,
perquè, darrere del demà, la vida
tornarà com el fil d'aigua gebrada
que en arribar el desgel reprèn el càntic.
Anna, parlo de tu i de llargues platges
amb la tristesa de la mar d'hivern.
De com l'infant que fores
ha deixat caure entre els seus dits la sorra
de les hores pactades amb la mort.
El text de la memòria és escrit
a un fris d'aigua remota com el marbre
que anuncia el cel blau d'altres indrets.
De tu em roman la llum a les mans buides
i un signe molt subtil
que s'ha esvanit als vidres entelats.
I si on ets hi ha un llunyà ressò de joia
és que el demà es nodreix en el present
amb la claror dels murs que hi ha als afores
i el nostre cavil·lar de caminants.

RÉQUIEM PARA ANNA

Luzes dos instantes apagam-se em cinza
e agora nós, hóspedes, desfazemos
a bagagem para nunca mais partirmos.
À flor da pele as horas depositam,
pausadamente, uma espessura de eternidade,
porque, depois do futuro, a vida
regressará como um fio de água gelada
que ao chegar o degelo recomeça o cântico.
Anna, falo de ti e de longas praias
com a tristeza do mar de Inverno.
De como a criança que tu foste
deixou cair por entre os dedos a areia
das horas pactuadas com a morte.
O texto da memória está escrito
num friso de água remota como o mármore
que anuncia o céu azul de outros lugares.
De ti resta a luz nas mãos vazias
e um sinal muito subtil
que se apagou nos vidros embaciados.
E se onde estás há um longínquo eco de alegria,
é porque o futuro se alimenta do presente,
com a claridade dos muros que há nas redondezas
e o nosso meditar de caminhantes.